EDITORIAL

"A figura deste mundo está passando" (1Cor 7,31), dizia o Apóstolo Paulo nos primeiros anos da Igreja. É verdade, estamos nos últimos dias. A ressurreição de Jesus coloca o mundo em sua última era. Nada mais devemos aguardar de radicalmente novo, pois "o Último" já se nos manifestou. Em Cristo, Deus já nos disse seu último e definitivo "sim". A Nova Aliança instaura os últimos dias.

Eis a razão pela qual os evangelistas se esforçam por falar da vida de Jesus usando as categorias apocalípticas com as quais o Judaísmo de seu tempo falava do fim do mundo.

"Vem a hora – e é agora – *em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que o ouvirem viverão" (Jo 5,25). Segundo o Quarto Evangelho, o ministério de Jesus já instaura o julgamento definitivo de Deus (cf. Jo 5,26-30): sua Palavra é o critério do juízo (cf. Jo 12,37-50). Diante de Jesus é que se define quem é da Luz e quem é das Trevas (cf. Jo 3,18-21).*

No batismo de Jesus, chega ao fim a antiga criação, pois "o céu se rasga" como véu imprestável e há agora um novo espaço, o "espaço messiânico", onde o céu e a terra se encontram, pois o novo Adão "sobe das águas" (abismo) e o próprio Espírito de Deus "desce". A "forma de pomba" é o símbolo de que o velho mundo foi destruído pela inundação das águas do dilúvio e tudo está recomeçando (cf. Gn 8,6-14). Finalmente, a comunicação entre Deus e seu povo se faz imediata. Há um novo Moisés que leva o antigo êxodo a sua consumação. Marcos, em seu texto, inspirava-se na meditação de Isaías 63,7-19, para explicitar o sentido escatológico do ministério de Jesus (cf. Mc 1,9-11). Essa meditação será ainda mais desenvolvida no livro do Apocalipse de João, no qual a obra do Cordeiro imolado é a consumação do êxodo (cf. Ap 15).

Não é de estranhar que João Batista seja, então, o novo Elias, o profeta esperado para preparar a consumação dos tempos. E que em Jesus se contemple a própria vinda final de Deus, anunciada pelo profeta Malaquias (cf. Mc 1,2-13; Ml 3). "Elias já veio" (Mc 9,11-13).

Quando se dará a vinda gloriosa do Filho do Homem nas nuvens do céu? A Igreja já a contempla, cada dia, em Jesus ressuscitado, "arrebatado ao céu e sentado à direita do poder de Deus" (Mc 14,62; 16,19). É essa a visão que Estêvão tem a felicidade de contemplar já agora: "Eu vejo os céus abertos, e o Filho do Homem de pé à direita de Deus" (At 7,56). O Filho do Homem glorioso, ao qual Deus entrega o Reino e o julgamento dos povos, antevisto pela profecia de Daniel, é Jesus a partir de sua ressurreição (Dn 7,9-14; At 2,29-36). Para a Igreja, "o véu se rasgou" (cf. Mc 15,38) e já é possível contemplar a solene liturgia pela qual o Cordeiro é entronizado no "novo céu". Todo o livro do Apocalipse é para nos ensinar e nos convencer dessa realidade, mesmo que ela esteja escondida aos olhos do mundo.

Por isso, para o Cristianismo já não importa especular sobre o fim dos tempos. "Quando será?"... Todas essas preocupações perdem sua urgência, pois a fé na Ressurreição nos situa em contemporaneidade com o último dia: "Quando estávamos mortos em nossos delitos, Ele nos vivificou juntamente com Cristo – pela graça fostes salvos! – e com Ele nos ressuscitou *e nos* fez assentar-nos nos céus, *em Cristo Jesus" (Ef 2,5-6). O que importa é participar da solene liturgia de exaltação do Cordeiro, unindo-se a Igreja terrestre com a Igreja celestial, e proclamar que "Jesus é o Senhor para a glória de Deus Pai" (Fl 2,11). Nossa tarefa não é "ficar olhando para o céu", mas partir em missão por toda a extensão da terra para sermos "testemunhas em Jerusalém, na Judéia, na Samaria e até os confins da terra" (At 1,8; cf. v. 9-11). O que quer que aconteça: perseguições, "guerras e rumores de guerras", tribulações, terremotos, falsos profetas, "sinais e prodígios para enganar até – se possível – os eleitos", "estrelas caindo do céu e os poderes do céu abalados"... o que quer que venha a acontecer, importa "dar testemunho perante governadores e reis" e "permanecer firmes até o fim", para que "o Evangelho seja proclamado a todas as nações". "Vigiai", "ficai de olhos abertos", é a exortação de Jesus (Mc 13,5.9.23.33.37).*

À luz dessa certeza, não nos deve assustar o "fim do mundo" que vamos assistindo com a queda sucessiva de impérios e de civilizações. "A figura deste mundo está passando". Está passando também agora, com o fim de mais uma etapa da construção histórica humana. Em torno de nós, muitos sinais estão a indicar que alguma coisa está desabando aos pedaços e uma nova etapa da história está em gestação. Será a humanidade capaz de produzir algo melhor? Ainda não o sabemos. Continuamos a trabalhar e a lutar, movidos pela esperança, mas, ao mesmo tempo, sabemos que não "temos esperança em Cristo tão-somente para esta vida" (1Cor 15,19). Apesar de já "estarmos assentados nos céus", continuamos ainda a marchar no tempo sob o signo da Cruz. Nossa vitória está assegurada em Cristo, mas "a figura deste mundo" está entregue "às mãos dos homens", para a reconciliação ou a destruição. Temos armas que podem destruir a terra vinte vezes, como se já não bastasse destruí-la uma vez só...

Nestes "Estudos Bíblicos", os autores procuram trazer algumas indicações das Escrituras que nos ajudem a refletir sobre o "fim do mundo" de acordo com a perspectiva aberta por Jesus, de tal forma que sejamos alentados(as) pela esperança e animados(as) pela confiança, na certeza de que "nossa vida está escondida com Cristo em Deus". É verdade, "o que nós seremos ainda não se manifestou", mas "desde já somos filhos e filhas de Deus". Essa realidade já nos é dada; só nos falta sua plena manifestação, quando se manifestará que "somos semelhantes a Ele, pois O veremos tal como Ele é" (1Jo 3,2).

O Prof. Paulo Valério, *da Ordem dos Frades Capuchinhos, nos chama a olhar o Gênesis. As histórias bíblicas do Dilúvio e de Sodoma e Gomorra, tantas vezes usadas para amedrontar as pessoas e ameaçá-las com o castigo da destruição, são, na verdade, contos de esperança. Apesar de tudo, mesmo sabendo que "os desígnios do coração do ser humano são maus desde a sua infância" (Gn 8,21), Deus se*

compromete por um pacto a "nunca mais destruir os seres viventes". Nosso mundo não está cegamente abandonado aos poderes da Natureza e aos caprichos do Poder dominador, mas está entregue à graça misericordiosa de Deus, o qual é o Criador e está comprometido a renovar sua obra. Ele é o "amigo da vida" (Sb 11,26).

Em que arca podemos nos salvar? "A arca nada mais é do que uma nova mentalidade, um novo modo de as pessoas se relacionarem entre si, com a Natureza e o cosmo e com Deus". Mas essa nova mentalidade não é algo abstrato e genérico. É, antes, muito concreto: é a própria "casa", aberta à hospitalidade, acolhedora para com "estrangeiros", solidária com todos os seres da Criação. A nova casa (oikos = eco) é nova ordem econômica (eco-nomia), é nova convivência planetária, pois nela podem "permanecer" todas as pessoas (ecu-menismo), é reconhecimento da lógica *do universo como totalidade vital e solidária (eco-logia). E se a "arca" de Noé e a "tenda" de Abraão e as "casas" de gente como Ló chegarem a formar uma rede solidária de habitações de justos, homens e mulheres como Abraão e Sara? Esse, o projeto revolucionário que pode salvar a humanidade da avalanche do caos e da ruína.*

O critério estabelecido pelo Senhor para o "juízo final" é justamente este: a casa aberta a receber os mais pequeninos. Por nossas casas estão a passar os anjos da bênção (cf. Hb 13,2), ou anjos exterminadores (cf. Ex 12). A nós a escolha. E dessa escolha depende que caia sobre nós a praga da morte ou que possamos sair – êxodo – e prosseguir na caminhada. Afinal, somos o povo do Caminho (cf. At 9,2).

O Prof. Ágabo, *da Igreja Batista, abre diante de nós o livro de Daniel. A experiência de exílio e opressão vai dando ao povo uma visão lucidamente realista em relação aos poderes do mundo. Com a queda da monarquia nacional de Judá no séc. VI aC as últimas ilusões de orgulho nacionalista tinham caído. Já não havia lugar para o nacionalismo mascarar os mecanismos de opressão próprios do poder monárquico (cf. Jz 9,7-15). Monarquia é domínio que tende ao absolutismo e à violência. E, como esse fluxo não deseja conhecer limites nem barreiras, tende ao imperialismo. O imperialismo abre os olhos para perceber o quanto é perverso também qualquer poder nacional. Na verdade, os "poderosos da nação" tendem a identificar-se, naturalmente, com os "poderosos das nações". Mais que solidariedade nacional ou territorial, a dinâmica dos poderes econômicos e políticos é a aliança da apropriação (dinheiro) e do domínio (poder político-militar) para além de qualquer fronteira.*

A lucidez da análise histórica, conjuntural e estrutural, revela o quanto é avassalador o "mar" donde se levantam os monstruosos poderes do mundo. É como se toda a terra estivesse para ser invadida, e o povo de Deus estivesse aí esmagado por pesadas patas de animais e traspassado por chifres afiados. Não tem poder e, graças a Deus, até a própria ilusão do poder nacional caíra por terra. Só lhe resta a fé. Mas não uma atitude temerária e voluntarística de quem absurdamente e irresponsavelmente se convence de que há saída quando saída não há.

Na conclusão, diz-nos o autor: "Não se trata de uma esperança passiva, mas de uma esperança que requer movimento em direção do 'fim'". A fé em Deus, Senhor da História, gera esperança, certeza da "saída". O êxodo, já experimentado histori-

camente no tempo do Egito e da Babilônia, reabre o tempo do futuro, levanta "ossos ressequidos" (Ez 37) e faz caminhar de novo para achar caminhos: "Caminheiro, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar".

Sebastião Armando, da Comunhão Anglicana, lê conosco o Salmo 82, o poema da queda dos deuses. No mundo há "muitos deuses e muitos senhores" (1Cor 8,5), mas qual é o critério para distingui-los e discernir entre eles? As Escrituras Sagradas não deixam a menor dúvida. Não basta ter "aparência" divina, e solene pode ser o culto de Igrejas e religiões; mas "só a JUSTIÇA é imortal". Só é de Deus quem promove e restabelece a justiça em favor de pessoas e categorias oprimidas, pois o Criador está em luta pela integridade de sua obra (cf. Sl 146).

É por isso que o critério do juízo "final" de Deus é a solidariedade com as pessoas necessitadas. Nossos gestos históricos de justiça e nossa luta pela restauração da justiça são nosso encontro definitivo com o próprio Filho de Deus: recusar "o copo d'água a quem tem sede" é nosso juízo "final"... O "fim" está no "meio" da história!

Muitos podem parecer deuses e senhores; na verdade, "como homens de barro, morrerão e, como qualquer das altezas, cairão", pois "só a justiça é imortal". "Se sabeis que Ele é justo, reconhecei que todo aquele que pratica a justiça nasceu dele" (1Jo 2,29). Só a prática da justiça nos possibilita entrar no dinamismo da experiência da "vida eterna" já agora: "Quem escuta a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não vem a julgamento, mas passou da morte para a vida" (Jo 5,24).

José Comblin, da Igreja Católica Romana, vem explicar-nos, de modo bem didático, a diferença principal entre a apocalíptica judaica e a apocalíptica cristã. O Judaísmo tinha os olhos fixos no futuro, naquele ponto que era aguardado como o momento final da vinda de Deus, de seu julgamento e de sua salvação definitiva. Como se tratava de um insondável mistério, reservado só à ciência de Deus, facilmente exasperou-se a imaginação e a expectativa do fim deixou-se rodear de elaborada mitologia. O "momento" do fim foi sendo projetado para além de todos os momentos. A história, de certo modo, foi sendo subjugada pelo mito.

A apocalíptica cristã tem no seu centro a proclamação da fé na ressurreição de Jesus. Já não se trata mais de viver na angústia da expectativa de quando será o fim e "quais os sinais de que essas coisas estão para acontecer". O importante agora é apropriar-se da certeza do triunfo de Cristo, garantia de nosso triunfo. Ainda somos perseguidos(as) – e como! – e elevamos clamores e derramamos lágrimas, mas o que temos, acima de tudo, são motivos para celebrar e cantar. O grito da Igreja é, mais que tudo, cântico de louvor. A Igreja está continuamente diante da visão do Cordeiro imolado de pé. No drama da história, a fé tem o poder de abrir a cortina e já podemos contemplar o Fim. A angustiada pergunta por quando será a "segunda vinda" perde a sua força para nós. O que nos move e sustenta é que o triunfo final de Deus está dado em Cristo, e nós já participamos desse evento final, apesar das aparências (cf. Cl 2,15).

O Apocalipse de João chega à plena afirmação disso. Mas nos Evangelhos e nos Atos, como vimos, esse processo já começara. A visão do Filho do Homem nas

nuvens do céu é, digamos assim, o grande painel que se desenha no retábulo do altar da Igreja ou o imenso mosaico que recobre todo o seu teto. Basta levantarmos os olhos. Por isso é que Comblin nos convida enfaticamente: "O que, sim, nos preocupa, é nossa tarefa evangelizadora no mundo".

Num segundo estudo, José Comblin procura esclarecer como o Apocalipse de João trata da questão do fim do mundo. Para tanto aponta, de início, as chaves de leitura do Apocalipse de João. Em seguida indica os grandes temas do Apocalipse, entre os quais o atraso do fim do mundo, o mistério do reino de 1000 anos e a parusia de Cristo antecipada.

Artur Peregrino, do Movimento de Peregrinos e Peregrinas do Nordeste, com outros homens e mulheres, por estradas poeirentas, sai ao encontro do povo. Saem – êxodo – por aí como povo da Caminhada. E uma das estações obrigatórias tem sido Canudos. Reencontram-se com beatos e beatas, e realimentam-se nas fontes da religião popular, vida e Bíblia entrelaçadas, fé no "Pai-Nosso" e partilha do "pão nosso" indissoluvelmente inseparáveis.

Canudos permanece na memória do Brasil – do Brasil que ainda tem memória – junto com o Quilombo, como a mais bonita experiência já feita por nosso povo, a mais gloriosa página de sua história, monumento perene a sua fé em Deus e a sua coragem política para sentir-se no Reino de Deus. Foi, como as primeiras comunidades cristãs o viveram, um fim de mundo que possibilitava o começo de outro. Experiência típica de apocalíptica cristã: a fé no triunfo de Jesus levanta a comunidade a contemplar no hoje de suas lutas concretas "o brilho da face de Cristo" e a sentar-se à mesa comum para antecipar o banquete final. E a perder o medo dos poderosos do mundo: pobres camponeses, com suas mulheres e crianças, chegaram a derrotar por várias vezes o poder armado do Estado nacional, e só sucumbiram debaixo da covardia dos canhões e do fogo.

Artur nos lembra que Canudos é elo de uma já longa corrente: resistência indígena ao invasor europeu, Quilombo, Caldeirão, Contestado, Ligas Camponesas, Comissão Pastoral da Terra, Assembléia das Nações Indígenas, Movimento dos Trabalhadores sem Terra... E ensina-nos que uma das originalidades de Canudos é ter tido na sua liderança alguém que, para além de político e místico, era um pregador que sabia muito bem ligar a experiência de seu povo com a grande Tradição bíblica e patrística, um teólogo. Teologia a partir da prática, a dramática prática da luta de pobres, naturalmente na linguagem e nos limites de seu tempo.

Muitos "sinais dos tempos" nos indicam que estamos em momento de viragem da história. Há um mundo que está a desabar e, por isso, grande é a confusão de valores. Mas sempre que a humanidade tem chegado ao fim de um mundo outro mundo desponta. "Da figueira é preciso aprender a lição: do tronco seco começa a brotar novo rebento" (Mc 13,28), e nova chance se nos oferece. É preciso atenção e vigilância para não sermos pegos(as) de surpresa, na sonolência de quem vive embriagado, no torpor do "espírito de prostituição" – a ideologia dos poderes deste

mundo. Muitos se levantam e, como falsos profetas, nos querem convencer – e quase convencem até os eleitos – de que o "novo" que vai nascendo é a globalização do mercado. Como resistir a profetas e profetisas da Besta, a não ser pela "globalização da solidariedade"? Firmes na confiança de que o Cavaleiro que vai a nossa frente é Vencedor e traz na boca a espada afiada que é o Verbo de Deus! (cf. Ap 19,11-16).

Sebastião Armando Gameleira Soares